

UFF- Universidade Federal Fluminense
Departamento de Filosofia

Grupo de Estudos: Filosofia e Religião no Helenismo

Professor: Marcus Reis Pinheiro

Aluno: Henrique Castro de Almeida

Data: 28 de junho de 2011

Introdução às *Meditações* de Marco Aurélio

O Imperador-Filósofo

Marco Aurélio¹ conhecido como o imperador-filósofo, nasceu em Roma no ano 121 d.C. Seus familiares possuíam muito dinheiro e também influência política. Seu pai era um nobre romano, assim como seu avô, que já havia sido prefeito da cidade e três vezes Cônsul. Seus pais morreram muito cedo, e logo depois seu avô. Ainda durante sua infância, após a morte de seu avô, Marco foi protegido pelo então imperador Adriano. Este, pouco antes de morrer adotou Antonino Pio e pediu-lhe que, quando este o sucedesse, adotasse o jovem Marco e também o jovem Lúcio Vero.

Em 161, com a morte de Antonino Pio seu pai adotivo, Marco, então com 39 anos, se torna imperador. Seu reinado, que dura até sua morte em 180, foi um período bastante turbulento para o império. No mesmo ano em que assumiu o cargo, as províncias do leste foram invadidas. Logo depois, os Marcomanni e os Quadi, povos germânicos da região do Danúbio, já causavam problemas no norte da Itália. Em 175, quando essas ameaças começavam a ser resolvidas, um general nomeado pelo próprio Marco, tenta usurpar o poder e se proclama imperador. Além de todas essas guerras, durante este período várias catástrofes naturais abalaram o Império Romano. Em 161, houve enchentes no rio Tíber. Terremotos em Cyzicus (161) e em Smyrna (178). Causando ainda mais impacto ao Império, veio a peste trazida da Ásia pelas tropas romanas em 166.

Em meio a todas essas situações e responsabilidades, Marco Aurélio foi sobretudo um filósofo, talvez não no sentido moderno do termo, mas certamente dentro do que os antigos entendiam por filosofia. É neste período, enquanto exercia as funções de Imperador, em meio a tantas turbulências, que Marco escreve suas *Meditações*, que fizeram-no conhecido até hoje na história da filosofia.

O texto

A primeira referência que temos à obra na antiguidade é a do filósofo Themistius que se refere a ela como *paraggelmata* ou “exortações”, cerca de dois séculos após a morte de Marco. Depois disso, somente no século X temos outra referência à obra na *Soudas*, espécie de enciclopédia bizantina, que cita muitos trechos das *Meditações* e especifica que dividia-se em doze livros. Nessa mesma época, em 906, um bispo da Capadócia, Arethas, relata em uma de suas correspondências que possui uma cópia da obra legível, porém em mal estado, e que havia feito uma nova cópia em benefício da posteridade. Assim, parece que pelo menos no mundo bizantino, as *Meditações* foram lidas durante os séculos seguintes.

¹ *Os seguintes livros serviram de fonte sobre sua biografia e sobre o texto: MARCUS AURELIUS. Meditations. Edited and Translated by C. R. Haines, Loeb Classical Library, 1930, ver à introdução; HADOT, Pierre. The inner citadel: the Meditations of Marcus Aurelius. Harvard University Press, 2001, pág 1 e seguintes;*

No ocidente não possuímos registros de citações da obra até o século 16, e é em 1559 que aparece a primeira edição impressa, acompanhada de uma tradução para o latim. Após essa edição, que foi baseada num manuscrito agora perdido, inúmeras edições e traduções surgiram rapidamente. Segundo C. R. Haines¹: “*Traduções deste livro foram feitas para latim, inglês, francês, italiano, alemão, espanhol, norueguês, russo, tcheco, polonês e persa. Apenas na Inglaterra, vinte e seis edições da obra apareceram no século dezessete, cinquenta e oito no século dezoito, oitenta e uma no século dezanove, e no século vinte até 1908, mais trinta.*” Hoje, possuímos apenas um manuscrito completo do texto, do século XIV, e outros menos importantes com apenas algumas citações. Além disso, possuímos três discursos atribuídos ao Imperador, que no entanto, geram muitas controvérsias sobre se são autênticos ou não.

A escrita como exercício espiritual

É importante ressaltar que o manuscrito que nos restou, não possui título, e realmente, ao que tudo indica, Marco não deu um título a seus escritos. Quanto ao gênero literário das *Meditações*, também há uma lacuna, e muito se discute sobre o objetivo de Marco ao escrevê-las.

De fato, a obra do Imperador é muito incomum e, em certo sentido, algo único em toda a história da filosofia e da literatura. É algo único ao menos pelo fato de que é uma obra que não foi destinada a publicação. Além disso, seu conteúdo também é admiravelmente estranho. Com exceção do primeiro capítulo, no qual Marco escreve sobre o que aprendeu de seus familiares, mestres, amigos e também de sua gratidão aos deuses, o resto da obra consiste numa coleção de frases e parágrafos que se seguem de forma quase sempre desconexa e ainda sem qualquer unidade que justifique claramente a divisão dos capítulos. Sobre a diversidade no conteúdo das *Meditações* Pierre Hadot diz o seguinte: “*Encontramos muitas frases extremamente curtas, frequentemente bem impactantes e bem escritas. [...] Junto a essas formulações curtas encontramos um certo número de desenvolvimentos mais longos, que podem variar em extensão, de vinte à sessenta linhas; eles podem ter a forma de um diálogo com um interlocutor fictício, ou a forma em que Marco dialoga consigo mesmo. Nelas, Marcus exorta a si mesmo a seguir uma atitude moral específica, ou, ainda, ele discute certos problemas filosóficos gerais: por exemplo, se as almas sobrevivem à morte, onde estarão localizadas (IV, 21)? Na maioria destas passagens, quer longas ou curtas, a individualidade de Marco mal pode ser discernida; na maior parte do tempo estamos diante de exortações endereçadas a um sujeito moral [moral person]. No entanto, também encontramos algumas passagens nas quais Marco fala à si mesmo enquanto Imperador (VI, 30, 1; VI, 44, 6); ou nas quais ele fala de sua atitude para com a vida na corte (V, 16, 2; VI, 12; VIII, 9); sobre a forma pela qual deve se expressar no Senado (VIII, 30); sobre suas falhas (V, 5,1); ou sobre seu entorno (X,36). Ele também evoca as pessoas que ele conheceu em sua vida (VIII, 37, 1; X 31,1) em exercícios de imaginação, durante os quais, de forma à preparar a si mesmo para a morte, ele representa para si a fragilidade de todas as coisas humanas e a continuidade dos processos de metamorfose que não pouparam ninguém em seu entorno*”.²

Diante de um texto assim, portanto, ao longo das sucessivas edições e traduções não só diferentes títulos foram sendo atribuídos à obra como também diferentes interpretações sobre o que Marco pretendia com seus escritos. Muitos chegaram a pensar que a obra que teríamos hoje não passaria de fragmentos de uma suposta obra original perdida. Outros especularam que o Imperador teria pretendido, com as *Meditações*, escrever um livro de instruções de sabedoria para seu filho. Ainda outros, no século do Romantismo, quiseram ver nos escritos do Imperador, uma espécie de diário íntimo em que Marco Aurélio, expressaria suas preocupações e sofrimentos.

No entanto, conhecendo os gêneros literários da época e levando em consideração uma referência que o próprio Marco faz aos seus escritos (III, 14), de acordo com Hadot, podemos nos

¹ MARCUS AURELIUS. *Meditations*. Edited and Translated by C. R. Haines, Loeb Classical Library, 1930, página xvi.

² HADOT, Pierre. *The inner citadel: the Meditations of Marcus Aurelius*. Harvard University Press, 2001, págs 29 e 30.

basear ao menos em três certezas: “*Em primeiro lugar, o Imperador escreveu para si mesmo. Segundo, ele escreveu dia à dia [day by day], sem a intenção de escrever uma obra unificada, destinada ao público. Isso significa dizer que seus escritos permaneceram no estado de hypomnēmata ou notas pessoais, talvez escritas num tipo “móvel” de mídia como lâminas [tablets]. Em terceiro lugar, Marco escreveu seus pensamentos, aforismos e reflexões em uma forma literária altamente refinada, uma vez que era precisamente a perfeição da fórmula que garantiria sua eficácia psicológica e sua força persuasiva.*”¹

Além disso, é importante notar que os escritos de Marco não são espontâneas descrições de seu estado de espírito ou de suas opiniões. Pelo contrário, as *Meditações* estão profundamente vinculadas à tradição Estóica e principalmente à Epiteto. Portanto, é dentro de uma tela pré-formatada que Marco pinta as suas meditações (falaremos mais adiante sobre esta tela pré-fabricada, que é o estoicismo de Epiteto). Também não devemos imaginar que o Imperador escrevia com a intenção de estabelecer uma doutrina ou sistema, muito menos de propor algo original, como poderia esperar um leitor moderno. A escrita como atividade filosófica no caso de Marco Aurélio, tem uma função totalmente diferente: “*Marco escreve unicamente para ter os dogmas e regras de vida sempre presentes em sua mente. Assim, ele está seguindo o conselho de Epiteto, o qual, após ter estabelecido a distinção entre o que depende e o que não depende de nós – o dogma fundamental do Estoicismo – adiciona: ‘É sobre isso que os filósofos devem meditar; é sobre isso que eles devem escrever todos os dias, e isso deveria ser o objeto de seus exercícios (I, 1, 25).’ ‘Você deve ter estes princípios à mão (procheira) tanto de noite como de dia; você deve escrevê-los; você deve lê-los (III, 24, 103).’*”²

Portanto, ao escrever as *Meditações*: “*...Marco estava, assim, praticando exercícios espirituais Estóicos. Ele estava usando a escrita como uma técnica ou método para influenciar a si mesmo, e para transformar seu discurso interno ao meditar nos dogmas e regras de vida do Estoicismo.*”³ Essa escrita como prática, infunde nas palavras de Marcos um teor de sinceridade e uma vitalidade inconfundíveis. Por outro lado, faz também com que o texto contenha muitas repetições, a cerca dos mesmo temas, e muitas vezes das mesmas palavras, porque neste exercício o que conta é o próprio instante no qual se escreve e no qual se formula os princípios de vida. O que foi escrito no papel está morto, é preciso que se escreva de novo e de novo, para que esses princípios fiquem gravados na alma. Além disso, essa função da escrita como exercício, faz com que o texto seja muitas vezes obscuro:

Corrigir, não ser corrigido! (VII, 12)

Nem ator, nem prostituta! (V, 28, 4)

Um pepino amargo? Jogue-o fora! Planta com espinhos na estrada? Contorne-a! (VIII, 50)

Como pode o homem atingir deus? Por que parte de si mesmo? Mediante que disposição dessa parte?
(II, 12)

Marco Aurélio não está preocupado em transmitir nem em explicar para alguém os fundamentos de sua filosofia. Na maioria das vezes, nem para si mesmo ele se preocupa em reformular os princípios fundamentais, e nesses momentos, seu texto pressupõe muita coisa, pois a escrita assume aí apenas a função de reatualizar certos estados de espírito nele mesmo. Portanto, podemos dizer que apesar das *Meditações* aparentarem ser um conjunto desordenado de pensamentos e reflexões, numa leitura mais atenciosa elas se revelam ser o oposto disso. A obra de Marco tem como pano de fundo um sistema muito bem estabelecido, e todas as suas formulações, imagens, e exortações estão sempre em torno de uma estrutura que tem no centro o princípio fundamental do Estoicismo. Mais especificamente, podemos dizer que as *Meditações* consistem numa constante exercício de reformulação e reafirmação das três disciplinas encontradas em

1 HADOT, Pierre. *The inner citadel*, pág 34.

2 HADOT, Pierre. *The inner citadel*, pág 50.

3 HADOT, Pierre. *The inner citadel*, pág 51.

Epiteto. Essa estrutura, formada pelas três disciplinas de Epiteto é, segundo Pierre Hadot, a chave para a leitura das *Meditações* de Marco Aurélio.

Estoicismo e as três disciplinas de Epiteto

O fundamento principal do Estoicismo se baseia na afirmação de que só é bom ou mal aquilo que depende de nós e que, portanto, aquilo que não depende de nós é indiferente, não pode nos fazer feliz ou infeliz. E o que depende de nós é ter ou não ter aquelas virtudes da alma tão conhecidas de Sócrates: sabedoria, justiça e temperança. Para o homem *bom*, não existe o mal, porque o único mal que verdadeiramente existe é o mal moral, ou seja, não ser *virtuoso*. Assim, o Estoicismo, fiél a suas raízes socráticas, vê na realização da excelência (*arete*) humana, a conquista da felicidade. Dessa forma, podemos dizer que para os Estóicos e, portanto, para Epiteto e Marco Aurélio, na virtude de ser indiferente às coisas indiferentes é que reside o verdadeiro bem.

Epiteto, logo no início do *Manual*, descreve em poucas palavras os traços característicos dessa escolha de vida estoíca:

Algumas coisas dependem de nós e outras não dependem de nós. O que depende de nós são: *juízo* (*hypolēpseis*), *impulso à ação* (*hormē*) e *desejo* (*orexis*) ou aversão; em uma palavra, tudo aquilo que diz respeito a nós mesmos. O que não depende de nós são: corpo, riqueza, reputação e altos cargos; em uma palavra, tudo aquilo que não diz respeito a nós mesmos. As coisas que dependem de nós são por natureza livres, ilimitadas, sem obstáculos, mas aquelas que não dependem de nós são deficientes, condicionadas, limitadas, pertencendo a outros. Lembre-se, portanto, que se você supor que as coisas que são condicionadas por natureza sejam também livres, e que o que depende de outros seja seu, você estará aprisionado. Você lamentará, se perturbará e achará falhas tanto nos deuses quanto nos homens. Porém, se você supuser seu somente aquilo que depende de ti, e o que depende de outros como é na realidade, jamais alguém poderá te forçar a algo ou limitá-lo. Mais ainda, você não achará falhas em ninguém nem acusará ninguém. Você não fará nada contra sua vontade. Ninguém te machucará, você não terá inimigos e não será atingido.¹

Ao fazer essa distinção fundamental entre o que depende e o que não depende de nós, Epiteto apresenta os atos ou operações da alma como divididos em três partes: **juízo** (*hypolēpseis*), **impulso à ação** (*hormē*) e **desejo** (*orexis*). As operações da alma (as únicas coisas que dependem de nós), até onde sabemos, não aparecem divididas nesses três aspectos nos Estóicos anteriores. No entanto, essa divisão é um traço constante em Epiteto.

Ainda em Epiteto, podemos ver que devido ao fato de que as ações da alma se dividem em três partes, necessariamente distinguem-se também três âmbitos nos quais o filósofo deve se exercitar:

Existem três domínios (*topos*) nos quais aquele que deseja tornar-se perfeito deve se exercitar:

- o domínio dos **desejos** (*orexis*) e aversões, de forma que ele não se encontre frustrado em seus desejos e não esbarre com aquilo que desejava evitar;
- o domínio dos **impulsos ativos** (*hormē*) e repulsões que é em geral, o domínio que se relaciona com o que é apropriado à nossa natureza, de forma que ele possa agir de forma ordenada em conformidade com a probabilidade e sem negligência;
- o domínio no qual o que importa é preservar-se do erro e das razões insuficientes, que é, de maneira geral, aquele que diz respeito ao **assentimento** (*synkatatheseis*).²

Esses três exercícios ou disciplinas aos quais o filósofo deve se aplicar aparecem não só em toda a obra de Epiteto, mas também em Marco Aurélio, que em diversas passagens faz clara distinção entre as três disciplinas, mantendo até mesmo os exatos termos técnicos de Epiteto:

¹ EPICTETUS, *The Enchiridion*. Primeiro parágrafo.

² HADOT, Pierre. *The inner citadel*, pág 86. [Epictetus, *Discourses (III, 2, 1-2)*].

A dor ou é um mal para o corpo – que ele se manifeste – ou para a alma; mas esta pode preservar sua própria serenidade e calma, se recusando a julgar que isto seja um mal. Pois, todo **juízo**, **impulso à ação** (*hormē*) e **desejo** (*orexis*) estão no âmago e nada penetra até lá. (VIII, 28)

Toda natureza se satisfaz consigo mesma quando segue bem o seu caminho; a natureza racional segue bem o seu caminho quando nas suas representações (*phantasiais*) não dá **assentimento** (*synkatatheseis*) a nada que seja falso ou obscuro; dirige seus **impulsos** (*hormas*) somente à ações para o bem comum e limita seus **desejos** (*orexis*) e aversões apenas às coisas que estão sob seu poder, e recebe com gratidão tudo o que a Natureza Universal lhe apresenta. (VIII, 7)

Apague sua **representação** (*phantasia*), vigie seu **impulso à ação** (*hormē*), elimine seu **desejo** (*orexis*). Mantenha seu princípio-guia (*hēgemonikon*) sob seu poder. (IX, 7)

Mesmo nas passagens em que Marco não faz esta distinção, ou não usa os exatos termos, fica claro que ele permanece todo o tempo fiel a ascese Estóica recomendada por Epiteto, fazendo da sua escrita um meio para a transformação de si mesmo através destas três disciplinas. Como já foi dito anteriormente, estas três disciplinas: do *assentimento*, do *desejo* e da *ação*, formam a estrutura na qual se apoiam as reflexões de Marco Aurélio e neste sentido são a chave para entender as *Meditações*.

A morte e o fluxo de transformações

Uma característica das *Meditações* que impressiona desde sempre seus leitores é a ênfase no fluxo de transformação constante de todas as coisas. A ênfase neste tema, que inclui o pensamento sobre a morte, faz com que Marco Aurélio seja muitas vezes caracterizado como um filósofo melancólico. De fato, algumas passagens, principalmente quando isoladas do seu contexto, deixam essa impressão no leitor:

Todas essas coisas são triviais; no tempo efêmeras, na matéria sórdidas. Tudo é hoje tal como era no tempo daqueles que nós enterramos. (IX, 14)

Quão rapidamente, num segundo, desvanecem todas as coisas, os corpos no espaço, e a memória desses no tempo! E o que são todas as coisas sensíveis e, especialmente, as que nos seduzem com o prazer ou nos amedrontam com a dor ou são exaltadas pelos homens! Quão vis são, desprezíveis, horríveis, corrompidas, mortas! (II, 12)

Isso que eu sou é mera carne, uma fraca respiração e a Razão dominante (*hēgemonikon*). Deixa os livros, não te disperses mais. Já não lhe é permitido. E como homem prestes a morrer, despreza o corpo, que não passa de um amontoado de líquidos, ossos, frágil feixe, rede de nervos, veias, artérias. (II, 2)

Em breve esquecerás de tudo, em breve todos terão esquecido de ti. (VII, 21)

No entanto, lidas com atenção, dentro do conjunto geral das *Meditações*, vemos que essas passagens que falam sobre transitoriedade e morte, exercem uma função filosófica. Em primeiro lugar, elas exercem a função de denunciar os falsos valores. Mostram ao filósofo que tudo aquilo que o homem costuma buscar é desprovido de valor. Nisso podemos ver a *disciplina do desejo* em atividade, pois desejar estas coisas inúteis é uma das maiores causas de sofrimento e é isso que essa disciplina busca erradicar. Pois, quando coloca sua felicidade nas coisas indiferentes, que não dependem de nós, o homem inevitavelmente, como disse Epiteto: “... *lamentará, se perturbará e achará falhas tanto nos deuses quanto nos homens.*” E assim repete Marco Aurélio:

Achando que o bem e o mal residem em coisas independentes de tua vontade, inevitavelmente quando sofreres ou não conseguires o que desejas, blasfemarás contra os deuses e odiarás os homens que são ou supões ser a causa dessa infelicidade ou dessa decepção. De fato, muitas são as injustiças que cometemos devido ao valor que damos a estas coisas. Porém, se considerarmos como bom ou mal

somente as coisas que dependem de nós, não teremos motivos nem para acusar os deuses nem para hostilizar os homens. (VI, 41)

Além do mais, ao mostrar em sua realidade crua as coisas que os homens costumam desejar, Marco Aurélio não apenas quer revelar que são desprovidas de valor. Pois, com isso ele ressalta aquela única coisa que tem valor, aquela única coisa que é capaz de trazer a tranquilidade:

O tempo da vida humana: um ponto. Sua substância: um fluxo. Suas sensações: trevas. A composição de todo o corpo: corrupção. Sua alma: um turbilhão. Sua Sorte: imprevisível. Seu renome: inerte. Em uma palavra, tudo que é do corpo é um rio; o que é da alma, sonho e fumaça; a vida é uma guerra, a etapa de uma viagem; a fama póstuma: esquecimento. O que, então, pode servir-nos de guia? Apenas uma única coisa: a filosofia. (II, 17)

Ininterruptamente imagine quantos homens diferentes, de diversos costumes e origens já morreram. Retorne até os tempos de Filístio, Febo, Origânio. Vá depois às outras raças humanas. Todos iremos para onde estão tantos oradores hábeis, tantos filósofos austeros, Heráclito, Pitágoras, Sócrates. Antes deles, tantos heróis. Após eles, tantos generais, tantos tiranos, e ainda Eudócio, Hiparco, Arquimedes e tantos caracteres sagazes, magnanimos, laboriosos, astutos, arrogantes ou escarnecedores desta nossa pobre vida tão frágil e rápida, como Menipo e seus semelhantes. Lembra-te que todos morreram há muito tempo. Acaso sofrerão por isso? Sofrerão aqueles de quem nem o nome se conservou? Pois então, só uma coisa é digna de valor: cultivar a *verdade* e a *justiça*, ser *tolerante* até com os mentirosos e os injustos (VI, 47)

Portanto, não é certo pensar que o Imperador, com essas frases, expresse qualquer tipo de desespero ou melancolia. Embora esse tema seja talvez um traço característico das *Meditações*, aqui, como em toda a sua obra, Marco não deixa de seguir certos esquemas pré-existentes na tradição Estóica, que servem de base para seus escritos. Pois, exercitar a lembrança da morte e da impermanência, era algo que Marco Aurélio conhecia bem das obras de Epiteto, e assim ele cita-o na seguinte passagem das *Meditações*:

“Enquanto beija carinhosamente seu filho” diz Epiteto, “você deve dizer para si mesmo: ‘amanhã talvez você morra’ ” É mau agouro! “Não” ele diz “nada que diz respeito à um processo natural é mal agouro. Senão seria também mal agouro falar da colheita de espigas de milho.” (XI, 34)

Assim como Epiteto, Marco Aurélio se exercitava em ver a morte e a transformação de todas as coisas de uma perspectiva cósmica, de forma a vê-las como tão naturais quanto o fato de que espigas de milho amadurecem.

É tão trivial e familiar como a rosa na primavera e a colheita no verão todos os acontecimento. Não se pode considerar de outro modo a doença, a morte, a mentira, a malícia, e tudo aquilo que alegra ou aflige os de pouca instrução. (IV, 44)

Nesse ponto, podemos observar mais uma vez que esse exercício de pensar a morte, coincide com a *disciplina do desejo*, mas dessa vez, no sentido de que essa disciplina consiste em desejar tudo o que faz parte da Natureza do Todo. No entanto, é importante notar que essa aceitação do Destino, e conseqüentemente, da morte, não resulta de uma simples resignação reprimida, mas da compreensão de que existe uma unidade no Todo, e de que é dado ao homem a possibilidade de se integrar nela:

Você já viu uma mão ou um pé amputados, ou uma cabeça separada do tronco, caídas à alguma distância do resto do corpo. A mesma coisa faz a si mesmo, tanto quanto pode, quem não aceita o que lhe acontece e se separa da comunhão social ou age em desacordo com o bem comum. Você se afastou da unidade da Natureza (*physin henoseos*), pois nasceu como parte desta e agora amputou a si mesmo. No entanto, o mais admirável é que você pode novamente retornar à essa unidade. A nenhuma outra parte deus concedeu esta possibilidade de voltar a unir-se, depois de ter se separado. Perceba a bondade com que ele elevou o homem! Deu-lhe o poder de nunca se separar do Todo, e, caso se separe, de retornar, reincorporando-se e retomando sua posição como parte. (VIII, 34)

Assim, para Marco Aurélio, viver conforme à Natureza, no âmbito dos *desejos*, significa não apenas aceitar o inevitável, mas se integrar ao Todo. Desejar o que o Todo deseja. Essa união torna possível para o filósofo participar do *amor* pelo qual o Todo realiza todas as coisas:

“A Terra ama! Ela ama a chuva! E o majestoso céu também ama!” E também o Mundo (*kosmos*) ama produzir tudo aquilo que deve acontecer. Então, eu digo ao Mundo: “Eu também, amarei junto contigo.” Não se diz na linguagem corrente: “Tal coisa ama acontecer”? (X, 21)

Este sentimento de unidade, próprio ao filósofo que pratica a *disciplina do desejo*, é que permite ao seu desejo, coincidir com o desejo do Todo. Esse sentimento permite ao Imperador exclamar:

Tudo que está em acordo contigo, está de acordo comigo Ó Mundo (*cosmos*)! Nada do que ocorre no tempo certo para ti é muito cedo ou muito tarde para mim! Tudo que as suas estações produzem, Ó Natureza, é fruto para mim. É de ti que todas as coisas vêm, em ti subsistem e a ti elas retornam. (IV, 23)

Até mesmo as coisas consideradas repugnantes e desagradáveis pelos homens comuns, são transformadas por essa perspectiva cósmica:

[...] A enorme goela do leão, veneno, e tudo que é desagradável – lodo, espinhos, e outros – são consequências do sagrado e do belo. Não imagine, portanto, que estas coisas são estranhas ao princípio que você venera. Ao invés, eleve seus pensamentos à origem única de todas as coisas. (VI, 36, 3)

Para aquele que possui sensibilidade e conhecimento profundo das obras do Todo, dificilmente, qualquer um destes fenômenos – que acompanham, como consequências, os processos naturais – aparecerá para ele senão como prazeroso, ao menos sob certo aspecto. Tal pessoa terá tanto prazer em contemplar as goelas das feras selvagens quanto aquele que o deriva das suas imitações produzidas pelos pintores e escultores. Seus olhos puros serão capazes de enxergar um certo encantamento e juventude nos homens e mulheres idosos, assim como certo charme encantador nas crianças. Muitos casos como esses irão ocorrer, mas não é qualquer um que pode encontrar prazer neles. Apenas aquele que tenha se tornado verdadeiramente familiarizado com a Natureza e suas obras poderá fazê-lo. (III, 2)

Assim, contemplando a Natureza do Todo, da qual tudo vêm, na qual tudo subsiste e para a qual tudo retorna, o filósofo busca se integrar a Ela. Nessa contemplação, que faz parte da *disciplina do desejo*, o filósofo procura abandonar o ponto de vista limitado e individual e deslocar-se para um ponto de vista absoluto. Desse ponto de vista cósmico, as coisas humanas apresentam-se como são: pequenas, transitórias e desprovidas de valor. No entanto, ao mesmo tempo que descobre sua insignificância, o filósofo, embriagado pela integração amorosa com a Natureza, vê todas essas coisas como belas e únicas, pois emanam de uma origem única.

Portanto, para Marco Aurélio, pensar sobre a morte e sobre o fluxo de transformações, como diria Epiteto, não é “mal agouro”. É, entre outras coisas, exercitar-se na *disciplina do desejo*. É exercitar-se em adotar a perspectiva do Todo, e assim integrar indivíduo e Natureza. E o fruto desse exercício é a liberdade de querer o que quer a Natureza. Nessa liberdade alcançada pelo filósofo que vive de acordo com a Natureza, tudo por sua insignificância pode ser desprezado e tudo por sua beleza pode ser aceito.

Encontre um método para investigar de que modo as coisas se *transformam* umas nas outras. Presta muita atenção a esse ramo de estudo, e exercite a si mesmo nele. Pois nada contribui tanto para a grandeza da mente (*megalofrosýnes*). O homem que se dedica a isto como que se despoja do corpo, e, considerando que breve terá que deixar tudo e sair de entre os homens, se entrega total e unicamente a: agir com justiça em todas as suas ações e à Natureza do Todo em tudo quanto lhe acontece. O que outros podem dizer ou pensar sobre ele, ou o que podem fazer contra ele, nem sequer atinge sua mente, estando satisfeito com estas duas coisas: *justiça* em todas as suas presentes ações e *contentamento* pelo que lhe acontece neste instante. Ele abandona todas as ambições e preocupações e não tem nenhum outro desejo senão manter-se no caminho reto da Lei, e com isso, seguir o caminho de deus. (X, 11)

Índice

O Imperador-Filósofo

O texto

A escrita como exercício espiritual

Estoicismo e as três disciplinas de Epiteto

A morte e fluxo de transformações

Bibliografia

EPICTETUS, *The Enchiridion*. Translated by Elizabeth Carter (16 December 1717 – 19 February 1806) was an English poet, classicist, writer and translator, and a member of the Bluestocking Circle.

HADOT, Pierre. *The inner citadel: the Meditations of Marcus Aurelius*. Harvard University Press, 2001.

HADOT, Pierre *O que é filosofia antiga?* Edições Loyola, 2ª edição, 2004.

MARCUS AURELIUS. *Meditations*. Harvard University Press, 1916. Edited and Translated by C. R. Haines, Loeb Classical Library, 1930.

MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Introdução, tradução e notas de Jaime Bruna. Editora Cultrix, São Paulo, 1989.

MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução de Alex Marins. Editora Martin Claret, São Paulo, 2005.